

# Registro de aniversário em tom de necrológio

Luiz Gutemberg



Luiz Gutemberg

**N**ão sei se já perdi o bonde desse ótimo assunto, o aniversário do presidente já passou há tantos dias, mas estava envolvido pela roda viva do lançamento, dia 27, do livro "Quem é... Pedro Simon", que escrevi para as Edições Dédalo.

O certo é que o li os jornais em casa, muito cedo, e não tive tempo, no mesmo dia, de comentar com ninguém os insólitos registros dos 70 anos do presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas estão aqui os recortes e a primeira idéia que me ocorre seria macabra se não fosse irônica. Os cronistas especializados - sim, porque certamente os jornais pediram aos seus repórteres ou redatores que seguem os passos de FHC que escrevessem os registros de aniversário - escreveram-lhe textos como se fossem necrológios.

Uma loucura, pelo tom e, até certo ponto, pela grosseria. Mas, acima de tudo pela inadequação. Para começar, FHC não está caindo, não é um governo em liquidação e muito menos tem sua autoridade institucional desgastada.

Fiquei com a impressão de que, entre os muitos equívocos e misturas de alhos com bugalhos, os registros dos 70 anos do presidente confundiram sua biografia e, principalmente, o estágio do seu prestígio político, com o fato sensacional - e o sensacionalismo é a doença infantil do jornalismo e nunca me esqueço de que sou um repórter - da queda brutal de populari-

dade. É incrível que esteja abaixo dos 30% de simpatia popular um homem que, por duas vezes, uma das quais há pouco mais de dois anos, venceu eleições presidenciais no primeiro turno.

Na verdade, a grande desgraça de FHC foi perder o glamour com que a esquerda - e só a esquerda é capaz dessa outorga no Brasil - o adornou a vida inteira, até que se tornasse presidente da República. Como numa excelência que ouvi cantar numa noite de Sexta-Feira Santa, na Bica da Pedra:

"...quem tira o que dá não rouba/quem deu a vida e graça dá o ranço a trstesa, amém."

O glamour era uma graça especial da esquerda, que a retirou. Sem dúvida um grave desastre em termos de mídia. O empenho com que há oito anos seus ex-colegas, e certamente ex-amigos, da USP e do Cebrap o acusavam de marxista defroqué, parece finalmente ter produzido conseqüências. O carimbo de neoliberal com que se atinge os liberais e conservadores (porque chamá-los do que são efetivamente não é insulto, mas chamá-los de neoliberal, é) finalmente colocou em FHC. E sem ser considerado

"de esquerda" fica difícil ter boa imprensa.

Por paradoxal que seja, é possível que tenham sido os ataques de Antônio Carlos - quem diria, logo ACM, cujo apoio era considerado pelas esquerdas a mais espúria ligação do governo - que precipitaram essa perda. De qualquer forma, as coisas coincidiram. Trata-se de uma situação irreversível. Era um encanto e como toda mágica, acabou.

Depois, as oposições - que antes eram apenas o PT, absolutamente hegemônico nas esquerdas brasileiras, e hoje incorporam toda gama de políticos que vislumbram chegar ao poder aproveitando-se da queda de popularidade do Governo - conseguiram pespegar no governo todas as pechas da moda: do vago antiético ao incompetente da crise energética e, principalmente, ao "desgastado na base parlamentar".

Junte-se a isso os efeitos da crise Argentina; o admirável oportunismo dos especuladores do mercado financeiro; a debâcle da seleção de futebol e a descoberta da fome no Brasil pelo Jornal Nacional. O humor nacional foi tocado em todas as cordas da sua sensibilidade e FHC jogado no centro da cena para encarnar as culpas.

Autosuficiente, vaidoso, confiante no seu talento indiscutível, na sua cultura - até então também indiscutida, atestada por seus títulos acadêmicos, mas até seu texto mais famoso é agora glosado pelo Millor no JB - e na sua boa estrela, parecia impossível que Fernando Henrique enfrentasse esse mo-

mento. Até coisas estúpidas, clara obra de banditismo, como o Dossiê Cayman, já francamente desmoralizadas, aparecem em comentários, com reticências perversas do tipo "não sei não, não sei não".

Posto tudo isso, porém, observamos que se trata de round típico do que se convencionou chamar de política. Uma situação absorvida pelo também chamado jogo democrático. Um acidente de percurso na carreira de um líder ou uma preliminar da sucessão presidencial de 2002, que todo governo tem a pretensão de determinar quando começa, mas que nem os militares conseguiram impedir que se antecipasse.

O impressionante é que, sendo esta a situação - que procurei fixar da maneira mais clara possível - as pessoas confundam a questão da imagem do presidente com uma crise institucional.

Nada disso, tirante seu Ibope, ou seu Vox Populi, eventual (mas que como uma gangorra, assim como descem, sobem), ou a perda do glamour esquerdistista, FHC é presidente constitucional, detém intactos e completos seus poderes (nem mais, nem menos) e não está ameaçado de deposição. Ou seja, completou 70 anos, está vivo. O tom de necrológio, talvez até involuntário dos registros, devia registrar o fim do seu glamour esquerdistista. Mas, "quem tira o que dá não rouba, vida sempre foi dele, amém". Deram-lhe, tiraram-lhe. Amém.